

OS IDOSOS E AS TECNOLOGIAS

Thaís Alves Pereira¹

thaispedagogia.ueg@gmail.com

Mirza Seabra Toschi²

¹Discente do curso de Pedagogia, bolsista no Ciranda Digital da Cidadania/Fapeg, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis(GO);

²Docente da Universidade Estadual de Goiás, mirza.seabra@gmail.com, Anápolis (GO).

PALAVRAS CHAVE: Idosos. Tecnologia. Internet.

O projeto de pesquisa Ciranda Digital da Cidadania, realizado junto à Rede Goiana de Pesquisa em Políticas Públicas e Inclusão Digital (REPPID), teve como objetivo ensinar o uso de tablet e smartphones para acesso à Internet a pessoas idosas e de baixa escolaridade.

Iniciamos a pesquisa com estudos bibliográficos para podermos relacionar a teoria e a prática. Foi realizada no período de agosto de 2014 a julho de 2016, na cidade de Anápolis-GO, e teve como participantes pesquisadores e bolsistas, com a coordenação das professoras Mirza Seabra Toschi e Nádia Maria Vaz, estudantes de mestrado, graduandos do curso de Pedagogia e de Sistemas de Informação da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Atualmente as pessoas navegam na Internet para se comunicarem, utilizam os aplicativos como o Whatsapp e Facebook, e nos dias de hoje a comunicação entre as pessoas tornou-se virtual. Tivemos a oportunidade de vivenciar alguns momentos com os idosos por meio desta pesquisa, pelas oficinas e percebemos o interesse de cada pessoa em socializar no mundo digital.

Segundo Vygotsky (1984, p.2), “o pensamento é gerado pela motivação, ou seja, pelos desejos, necessidades, interesses e emoções do indivíduo”. Assim também podemos notar que a busca por aprenderem a utilizar destes meios para se incluir digitalmente é conduzido pelas necessidades, e interesses sendo, na maioria dos casos, interesses particulares. Constatamos a grande importância deste processo de inclusão na vida dos idosos e os benefícios que trazem para a vida cotidiana deles.

Castro (2001, p. 95) afirma que há “uma nova concepção de velhice atualmente”. Apresenta uma fase de transição entre aquele idoso que se retrai ao ambiente familiar, improdutivo, em oposição ao idoso participativo, integrado socialmente, sujeito ativo na história. O necessário é que se precisa abandonar esse

modelo de discriminação e preconceito da representação social do idoso, inclusive por eles próprios.

Iniciamos as atividades com os idosos, na Praça Abílio Wolney, mais conhecida como Praça do Ancião, localizada no Centro de Anápolis, juntamente com outras bolsistas, atendemos uma quantidade pequena de pessoas, e apenas para tirarmos algumas dúvidas referentes ao aparelho celular, alguns digitais, sendo a minoria aparelhos simples de teclado. As dúvidas eram relacionadas em como saber “desinstalar jogos”, “excluir atalhos” e “sair do email”.

Por serem as primeiras semanas do acontecimento das oficinas e pouca procura, decidimos que teria que ser feito mais divulgações, e para isso foram feitos e distribuídos sete mil panfletos. Seis mil foram doados pelo Sindicato dos professores e um mil pela Secretaria Municipal de Ciências e tecnologia e Inovação. Entregamos nas praças e colamos em pontos de ônibus, no Centro da cidade, em alguns estabelecimentos e caixa de correio das casas próximo às praças, eram feitas as entregas de panfletos de acordo com o calendário de atendimentos em cada local. A divulgação também foi feita nas rádios; Imprensa e São Francisco, canal de TV, sites da UEG, e redes sociais.

Após as duas semanas, fomos para a Praça Ambiental do Ipiranga, localizada no bairro Jundiá. Houve um atendimento que foi realizado por outras monitoras, apareceram outras pessoas que foram apenas um dia, e não retornaram mais à praça. Houve dias em que a conexão da Internet não estava funcionando, neste dia um funcionário que trabalha no Parque nos procurou para aprender.

A próxima praça foi a Cônego Trindade no bairro Vila Góis. Devido à praça não ter cobertura e árvores e ser impossível atender sob o sol intenso, ficamos em um colégio próximo, com a autorização da gestora do Colégio Zeca Batista. Nessa escola nos foi oferecido o laboratório de informática para ficarmos. Nesse espaço, atendemos três pessoas da comunidade, e com a falta de pessoas para realizarmos os atendimentos, os atendidos foram os alunos da própria escola, professores os liberavam, alguns no horário de aula e no intervalo. Mas foi observado que os alunos estavam aproveitando a presença das monitoras para usarem o laboratório.

Também não obtendo resultados fomos para a Praça Abadia Daher também no Bairro Jundiá. Nessa praça, apesar de agradável e com muita sombra, não houve o comparecimento de ninguém, fizemos várias divulgações ao redor, mas sem sucesso.

Devido não conseguirmos atingir o objetivo do projeto indo às praças, tivemos uma reunião na qual foi decidido que iríamos para o Centro de Convivência de Idosos (CCI), um lugar seguro, onde os idosos de vários bairros da cidade frequentam para fazer atividades, como: hidroginástica, natação, artesanato, coral, entre outros. Conversamos com a coordenação da instituição, deixamos panfletos com os horários e os dias dos atendimentos, e nos foi relatado pela coordenadora do CCI que muitos idosos têm medo de irem as praças e seus filhos não gostam que eles vão por medo da violência que vem ocorrendo em nossa cidade.

No primeiro dia da oficina já tivemos bastante procura por pessoas interessadas em aprender a utilizar o aparelho celular. Devido ao número de pessoas interessadas e a necessidade de um tempo maior de atendimento ficou estipulado que seria uma pessoa por monitora, sendo uma hora de atendimento por pessoa. Ficamos no Centro de Convivência no período de cinco meses, de outubro de 2015 a março de 2016.

Como não havíamos feito atendimentos nos telecentros, pedimos orientação à SMCT&I sobre quais deles tinham maior fluxo de pessoas. Assim, no período de abril a maio de 2016 fomos a quatro telecentros da cidade de Anápolis no Jardim Alvorada, Praça Americano do Brasil, hoje Praça do Avião, Recanto do Sol, e no Bairro São Lourenço, levando todos os equipamentos da pesquisa e fomos a lugares que tinha conexão com a Internet. Mesmo assim não obtemos resultados, não houve nenhum atendimento devido o não comparecimento de pessoas idosas.

Assim, a fim de aproveitar o tempo ainda restante da pesquisa, soubemos que o SESI da Vila Jaiara em programa de atendimento a idosos e buscamos a entidade. Fomos bem atendidos e atendemos inúmeros idosos nesse local.

No mês de Maio as oficinas aconteceram no SESI Serviço Social da Indústria, da Vila Jaiara, que oferece atividades esportivas para idosos. Fomos muito bem recepcionadas pela equipe da instituição, tivemos um espaço reservado para as oficinas serem realizadas com conexão à Internet. Tivemos um grande número de pessoas interessadas, sendo a maioria delas pessoas que frequentam o SESI, fazem aulas de natação, são ativas e alegres o que demonstra a necessidade de atividades para esse segmento etário. Percebemos que todas as atendidas são viúvas e aposentadas que participam de várias atividades no local. Fiz o atendimento de três senhoras, que também foram atendidas por outras monitoras.

As pessoas atendidas foram entrevistadas no final da pesquisa, com o objetivo de

analisarmos aspectos positivos e negativos de mudanças na vida de cada uma delas, após terem aprendido a usar a Internet. As respostas das atendidas foram parecidas, pois a maioria tinha os mesmos interesses, que era o uso do aparelho celular.

A primeira pergunta do questionário foi sobre o que aprenderam com as monitoras. As respostas foram: “aprendi tudo que eu sei hoje”, “mexer nas redes sociais, agendar números, fazer ligações, baixar músicas, pesquisar vídeos no Youtube” entre outras informações na Internet. A segunda pergunta feita foi se seus interesses foram atendidos e porque. Todas responderam que "sim", pois quando começaram a frequentar as oficinas elas tinham dificuldades até mesmo para ligar o aparelho celular, e que depois de frequentar as oficinas puderam aprender mais coisas, até além de seus interesses iniciais.

Outra pergunta feita às atendidas foi se alguma coisa mudou na vida cotidiana delas, de todos os dias, ao aprender a usar a Internet com o celular, tablet ou computador. As respostas foram: “sim, hoje me sinto mais capacitada”, “sim, consigo me comunicar com meus familiares por meio do WhatsApp, que antes eu não tinha contato”. As respostas foram positivas e conseguiram aprender o que foi ensinado segundo suas respostas. Hoje as idosas conseguem se relacionar melhor com outras pessoas.

E a última pergunta feita foi: Isso foi bom ou teve coisas que ficaram mais difíceis de resolver ao aprender a usar a Internet? As respostas foram: “foi muito bom, facilitou bastante o meu aprendizado”, “foi bom, passo o tempo livre me distraindo com vídeos e imagens no Whatsapp”. Acreditamos que a pesquisa finalizou com bastante relevância na questão do aprendizado das idosas devido suas respostas, para com as tecnologias que hoje facilita a vida socialmente.

Levando em consideração todos os aspectos positivos e negativos da pesquisa, que o interesse das pessoas idosas por aprender a usar o celular, era principalmente para navegar na Internet, atuar nas redes sociais, nos aplicativos que possibilitavam a comunicação com a família e com os amigos.

Vivemos em uma sociedade digital na qual as pessoas vivem conectadas à Internet em todos os ambientes, através de seus aparelhos celulares que se tornou um pequeno computador. Por isso, há necessidade de as pessoas idosas buscarem uma atualização de seus conhecimentos para se sentirem incluídas digitalmente. Percebemos que as oficinas realizadas foram de suma importância para as atendidas, podendo se

Socializar nas das redes sociais, e mantendo o contato com as pessoas distantes, melhorando até mesmo a autoestima delas.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Odair Perugini de et al. *Envelhecer um encontro inesperado?* Realidades e perspectivas na trajetória do envelhecimento. Sapucaia do Sul: Notadez, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.191.